

Título: O Fogão de Lenha

Autor: Celso Luís Alves Pais

Albano trabalhava que nem um mouro. Todos os dias trazia a carroça cheia de ferro velho que recolhia, separava e acomodava em caixas de madeira, para as vender depois na fábrica da fundição.

Era agosto e fazia um calor que derretia carnes e ossos. À entrada da fundição, servindo como porteiro, estava o trombudo do Sebastião. Era uma rês com a qual nunca o Albano se entendeu muito bem.

- Boa tarde – disse o Albano com voz seca.

- Outra vez por aqui, ó Albano Ferro Velho?

Albano não deu réplica. Desde os tempos da escola que odiava este bisonte do Sebastião. Pensou, para si: “Vai chamar Ferro Velho ao corno que te fez!”.

Puxou a carroça com toda a força que tinha, dirigindo-se ao armazém. O cãozito do Albano – o Teco -, estatelado por cima da sucata, tinha o corpo recoberto de ferrugem. O tom acastanhado do óxido de ferro contrastava bem com a cor creme do seu pelo. A língua de fora, a simular que arfava, o Teco parecia um rei a exibir o trono aos seus súbditos. Orelhas levantadas, olhos luminosos, ei-lo ali como um verdadeiro compincha do sucateiro. Mal sabiam, dono e cão, que o ferro, esse metal de antanho, remontava ao quinto milénio antes da era cristã. E para que servia tal conhecimento? O que interessava era arranjar o dinheirinho para o caldo e para um copo de três, a meio da tarde, na taberna do João Quintas.

Aquele dia era igual a tantos outros. Carregar, descarregar, receber o dinheiro e toca a rumar para casa, depois de um copo ou dois de vinho na tasca do João.

Quatro horas da tarde. O calor apertava e Albano tinha a camisa toda suada. Tinha ainda de passar na casa da Dª Custódia, a que tinha o marido entrevado já há dois anos. Lá haveria de desmontar um fogão de lenha, que fora substituído por outro, a gás. Ia dar trabalho, mas assegurava o ganho de vários dias. Aquilo era ferro a valer. Deitou as mãos aos varais da carroça e caminhou com determinação até alcançar o portão do quintal da Dª Custódia. O Teco, talvez por solidariedade com o seu dono, tinha também caminhado, abdicando do seu lugar habitual no interior da carroça.

Albano puxou o arame da campainha e a dona da casa não demorou a assomar à janela.

- Só um bocadinho, Sr. Albano, que desço já.

Era mulher para os seus cinquenta anos e, mesmo sofrendo a canseira de cuidar do entrevado, apresentava uma idade inferior.

“É uma bonita mulher...”, pensava Albano para os seus botões. Mas fazia-o como mera constatação. Não havia neste pensamento qualquer sinal de concupiscência. A mulher desceu, cumprimentou o sucateiro, e logo o encaminhou para a zona do quintal onde já estava o fogão velho. Antes, porém, abriu o portão, para permitir que a carroça entrasse.

Albano atirou-se ao trabalho. Precisou de várias ferramentas para desmantelar o velho fogão: chaves de parafusos, chaves de porcas, chave inglesa, etc. Ia prevenido com a sua caixa de ferramenta. Antes de começar, ajustou o preço com Dª Custódia. Ela não pedira muito por aquele monte de ferro que tantas refeições fez e a tantas barrigas agradou.

Por ali ficou Dª Custódia, a ver o Albano carregar a carroça, peça a peça, com paciência de santo. A mulher acabou por se sentar num mocho que havia ali no quintal.

Com as mãos metidas entre as coxas, cobertas por um vestido amarelo, estampado com flores azuis-claras, Dª Custódia estava a precisar de conversar um pouco e não hesitou em perguntar ao sucateiro:

- Então, quando é que larga esta vida do ferro velho, Sr. Albano?

Algo admirado com a súbita pergunta, o Albano acabou por desabafar:

- Olhe que é uma ideia que já me passou várias vezes pela cabeça. Isto é um trabalho pesado e muito sujo. Já pensei em abrir uma lojinha de ferramentas, D^a Custódia. Deram as cinco da tarde no sino da igreja. Vendo o suor que inundava o rosto de Albano, a D^o Custódia foi buscar uma caneca de vinho à adega. Era mesmo o que o sucateiro estava a precisar. Bebeu de um trago todo o vinho que a dona da casa deitara num copo de barro. Limpou os beiços às costas da mão direita e agradeceu com humildade.

D^a Custódia mostrava um ar afogueado, com as faces coradas, como se tivesse bebido também um copo de vinho. Albano reparou que a mulher tinha desapertado dois botões do vestido, na região do colo. Ficou assim um pouco decotada, e não se envergonhou de mostrar um poucochinho dos seus lindos seios.

Ao fixar os olhos naquele espetáculo maravilhoso, Albano sentiu uma tremura, acompanhada de aumento do ritmo cardíaco.

Ficou sem fala. Limitou-se a ouvir a mulher, que agora descrevia o modo como os homens tiraram da sua cozinha o velho fogão de lenha. As suas palavras tornaram-se lânguidas e trespassava já no seu corpo uma vontade irreprimível de se enlaçar no sucateiro.

Albano ouvia, mas não se conseguia concentrar nas palavras de D^a Custódia. Deu por si completamente fixado nos olhos da mulher, enquanto desapertava um parafuso da porta do fogão. Ela também o olhava e o seu olhar era tão forte que parecia querer dizer: "Anda, vamos ali à adega; ninguém nos vê. Ambos queremos isso. Que mal isso haveria de ter?"

O sucateiro, por sua vez, ruminava nos seus miolos: "Num instante faríamos isto; ninguém haveria de saber. São somente dois corpos a quererem fundir-se, como o ferro se funde no calor do forno da fundição." E era tal a esperança que isso viesse a acontecer, que o Albano já não fazia coisa com coisa.

Ela tinha chegado o mocho para mais perto da carroça, para sentir mais de perto o cheiro do corpo daquele homem, que lhe fizera aumentar o calor que havia dentro si. O desejo, insidioso, tinha-os assaltado. Tal como os deuses usavam as mais espertas artimanhas para se intrometerem no corpo delicado das ninfas, assim os raios luminosos do olhar de Albano e de Custódia se tornaram nos arautos que anunciam a atração dos corpos.

Ambos estavam cientes de que chegara o momento. Custódia levantou-se e Albano atirou com a chave inglesa para o chão. Nesse preciso momento ouviu-se a voz do entrevado, que reivindicava a presença da mulher. Derramava-se assim, sobre os dois potenciais amantes, de forma tão repentina, toda a carga do dever moral que guia a vida dos mortais.

Albano acabou de carregar a carroça e o Teco subiu para o seu sítio habitual. Dali abalaram os dois na direção da taberna do João Quintas, onde dois copos de três haveriam de fazer esquecer o acontecimento daquela tarde.

Fim